

Entrevista com **Rogéria Barbosa**, artista plástica, professora aposentada e membro do CAPS Lima Barreto, em Bangu.

**1) Você pode falar um pouco sobre sua experiência como militante no Movimento de Luta Antimanicomial?**

A Reforma está andando, a passos lentos, mas está andando. A Luta Antimanicomial está sendo debatida o tempo inteiro para poder filtrar na sociedade o que é exatamente a Luta Antimanicomial, para que ela serve e para onde vai.

**2) Como você começou a sua militância?**

Foi mais ou menos há dez anos, quando eu entrei para um CAPS. No começo, não sabia ainda o que era esse serviço e fui convidada pelo Hotel Guanabara para participar de um encontro nacional em que seriam eleitos delegados para ir a Brasília. Foi aí que eu descobri a Luta um pouco mais de perto e finquei os pés na Reforma Psiquiátrica.

**3) Você pode me falar um pouco sobre a sua trajetória?**

Desde os sete anos que eu dava muito trabalho nas escolas por conta da minha agressividade, por não querer fazer trabalho. Foi, então, com 13 anos que eu, por curiosidade, comecei a me questionar como as pessoas morrem. Aí tomei 65 comprimidos e fui para a escola, mas comecei a passar mal e a diretora falou assim: “Ah, ela tomou bolinha!”. E eu nem sabia o que era bolinha! Passei mal, minha mãe me levou para o médico, que constatou que eu tinha tomado alguns remédios e disse que eu tinha tentado suicídio, e eu nem sabia o que era isso! Aí tudo começou. Com 18 anos surtei pela primeira vez. Atualmente, eu estou em tratamento no CAPS, depois de algum tempo em internação. Mas eu me vejo em um caminho bom. Eu devo muito ao CAPS pelos amigos, pelos cursos que eu faço... Mas eu ainda tenho que me internar quatro ou cinco vezes por ano.

**4) Você já esteve sob regime de internação psiquiátrica? Você pode falar um pouco sobre essa experiência?**

Eu participo do CAPS tem dez anos, e eu ia todos os dias, assiduamente e não entendia porque eu tinha de ir ao CAPS todos os dias. E medicamento eu não gosto de tomar, até hoje, porque a medicação em si é muito dolorosa, eu fico dopada... Já estive internada várias vezes em manicômios. A pior delas foi em Praça Seca, um trauma para mim. O hospital era todo muito escuro, parecia que você estava andando em túneis. Então, assim que cheguei, me disseram: você vai deitar nessa cama aí, só que o colchão estava virado, mexido, parecia que já tinha alguém deitado ali, o lençol estava babado, sujo. A enfermeira riu e disse: deita logo aí que essa é sua cama. O lençol estava babado, sujo... Eu era sempre amarrada porque não aceitava as leis dentro do hospital. Também recebi choque elétrico em um hospital particular em que fiquei internada.

**5) Qual é a sua visão sobre o modelo assistencial dos CAPS?**

Eu acredito que o CAPS tem de andar com novas pernas. Eu tenho a necessidade de sair do CAPS, mas eu vou para onde? Foi feito o CAPS, mas não nos direcionaram e disseram: daqui a tanto tempo você vai estar apto para fazer uma atividade fora do CAPS, e fazer uma atividade fora do CAPS dá medo.

**6) Muitas ações têm sido desenvolvidas no sentido de promover a inclusão social dos usuários através do acesso à arte, à cultura e a emprego. Como você analisa esse contexto?**

Essa inclusão é uma coisa legal que está acontecendo. Recentemente fui também convidada para participar de um programa cultural da Petrobrás chamado Cartografia. E isso tudo foi me estimulando a voltar dentro de mim para ter vontade de pintar. Eu gosto de pintar o abstrato, então não adianta você vir para mim com um desenho artístico para eu pintar porque eu pinto o abstrato. A importância disso? Primeiro a questão financeira, já que há um retorno financeiro, e também o reconhecimento. Isso tudo está sendo muito produtivo para mim futuramente.

**7) Você considera importante a participação dos usuários, familiares de usuários e da comunidade no processo de Reforma Psiquiátrica?**

Tem de ter. Tem de haver essa união. O usuário não vive sem o familiar, o familiar morre no colo do usuário hoje em dia, o técnico, o serviço dele é cuidar, esse é seu serviço... A comunidade, em si, eu não posso falar dela porque ninguém sabe que eu tenho transtorno mental, só familiares mesmo.

**8) Qual a sua expectativa com relação à IV Conferência de Saúde Mental?**

Eu faço parte da comissão organizadora e ela está prometendo. Eu sou muito articulada, e estou lá mesmo para pedir e fazer valer o nosso direito como usuária, como familiar...

**9) O que você espera que saia nessa Conferência?**

Os Centros de Convivência seriam primordiais para todo mundo nesse momento. Eu vou para lá e vou lutar pelos Centros de Convivência, que estão faltando e não têm no Rio de Janeiro.